ANO II—N.º 429 PREÇO, 2 CENTAVOS Sábado, 5 de Junho de 1920

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. *Talhaba—Lisboa* * Telefone 4?
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A nossa "riqueza"

Portugal é um país que não exporta. Se exporta é muito pouco. E' portanto um país pobre. Pobre porque nada possui, pobre porque se vê obrigado a pedir aos outros países tudo quanto seja necessário à vida. Pede pão, pede arroz e feijão, grão e bacalhau, meias e chapeus, automoveis e carros electricos, e ainda pede dinheiro emprestado para pagar tudo isso.

Quem vive a crédito paga caro e tanto mais caro pagará quanto menos probabilidades tem de pagar. Ora, nós nem sequer minas de ouro temos para liquidar as nossas dividas; apenas cédulas cebentas, que embora sejam muitas e o papel esteja caro não chegam dentro em pouco para comprar um carro de linhas que já custa três tostões.

Já se deixa portanto vêr, e proclamá-lo torna-se até ocioso, que a situação nacional é desgraçada. E porventura já ela algum dia teria sido próspera? Não o cremos. A modos que um fatalismo inexorável perseguiu sempre a raça barrando-lhe o caminho da prosperidade. Portugal teve o seu efémero apogeu. Foi no período das descobertas. O primeiro reinado manuelino nadou em ouro, em pedrarias, em preciosidades que a India, a Africa e o Brazil abandonavam às mãos ousadas da lusa pirataria heróica. Riqueza ficticia, falsa opulência! Portugal teve nêsse tempo ouro à sobreposse. O que nunca teve em abundância foi o pão, porque já nessa época faustosa o pão escasseava. A aventura supriu durante certo tempo o que o trabalho probo não logrou. Termina o período das aventuras em que outros povos, igualmente desapegados do trabalho, andaram à porfia com os nossos ilustres antepassados. E eis que, dissipados por D. João V os últimos restos do tesouro àquem e além-mar pirateado, mergulha de novo Portugal na sua mediocridade, que os prepotentes agressivos do marquês de Pombal mal conseguiram disfarçar efémeramente. Andam os tempos. E a mediocridade tornou-se progressivamente em penúria. Hoje debate-se a nação na miséria, a mais atroz. Dinheiro não temos. Crédito ainda menos. Ainda há pouco, segundo lemos, falhou um contrato de fornecimento de carvão, porque a nação fornecedora «não via em Portugal—assim o declarou—as precisas condições de estabilidade económica e financeira que dessem garantias a tal contracto». Pode-se viver sem dinheiro e sem crédito. Isto tanto para as nações como para os indivíduos. Mas para viver-se sem essas coisas convencionalmente indispensáveis, é preciso ter-se que comer. Ora Portugal não tem que comer. O sr. F. Mira dizia anteontem que a colheita cerealífera será êste ano insuficiente para o consumo, num grau de insuficiência superior ao dos anos transcorridos? Não temos pão, não temos nada. Pioraindo: não temos também uma organização política, uma capacidade administrativa capaz de obviar ao mal, de detê-lo, de aniquilá-lo. Toda uma terrífica perspectiva de fome e provações se estende trágicamente diante de nós. Como fugir ao mal? Não se sabe. E' provável que se procure parasitàriamente, batendo à porta do visinho estrangeiro, obter dele aquilo de que carecemos. Mas porque preço, em que condições, em que quantidade? E poderá manter-se por muito tempo uma situação assim tam falsa? E' que o visinho estrangeiro segura o que tem, escorado e precavido contra as dificuldades que o presente e o futuro lhe apresentam. A resposta que êle dará às nossas solicitações será, dentro de pouco, a mesma que a formiga da fábula deu à cigarra malprecatada. E, depois, os câmbios? Sabe-se que não vaie nada o dinheiro dos países que não possuem uma reserva de verdadeiros valores, em produtos, em trabalho realizado, em faculdades de produção.

O credito vai-se esgotando e os géneros vão subindo. A situação torna-se aflitiva o dinheiro não chega a nada. O povo vê-se obrigado a reduzir ainda mais as suas necessidades.

O câmbio sobe e em conseqüência dessa subida o comércio que compra no estrangeiro a alto preço as mercadorias dê que necessitamos, não limita os lucros, pelo contrário aumenta-os e até as industrias que não precisam importar a matéria prima, podendo, pois, vender um certo número de productos por mais baixo custo, reguiam os seus preços pelo câmbio do dia, que sobe sempre, tornando assim a vida de todo impossível.

A libra que antes da guerra regulava por 4$50, está agora a vinte e tal escudos. Nós que dependemos tanto da Inglaterra como se fossemos seus vassalos temos que lhe pagar em libras o que ela nos concede, porquanto, como acima dissemos, o nosso dinheiro nada vale, visto que nada possuimos para valorisa-lo.

No entanto diz toda a gente e dizemo-lo nós também que *isto* podia ser um país rico se fosse bem aproveitado. Se a terra fosse cultivada, em vez de permanecer improdutiva nas mãos de ociosos lavradores, que as cúpidas seduções da política atraíram—se a terra fosse aproveitada e o trigo crescesse abundante, nós teriamos uma verdadeira fortuna, a maior de todas, a cubiçada por todos os países cançados pela guerra—nós teriamos o pão.

Mas o trigo vem do estrangeiro, como vem carvão. Está êste país tam habituado a importar de tudo que até se diz virem os meninos de França.

A importação entrou nos hábitos do povo, quere seja do estrangeiro quere seja das colónias. Tanto assim, que algumas individualidades capitalistas com interêsses em África nos mostram as colónias como a deusa salvadora da nossa derrocada.

¿Que importa que no Alentejo haja planices imensas por cultivar? Que importa que os grandes lavradores se recusem a semear trigo, porque não lhes dá lucro? As colónias, as colónias é que nos hão de salvar. Nas colónias é que é preciso proceder para salvar o país distanciado a centenas de léguas. As colónias é que hão de enviar os géneros para um país que não tem transportes.

Dentro em pouco se verificará que nem as colónias nem os empréstimos renovados e nunca pagos, farão cessar a fome que aumenta. Não haverá medidas tomadas pelo Estado burguês cujos interêsses são opostos aos do povo, que nos possam salvar.

Só uma remodelação profunda no regime económico poderá dar ao povo aquilo de que êle necessita.

OS DEPORTADOS

A hipocrisia dos burgueses caboverdianos

Recebemos uma carta dos camaradas expulsos do Brasil e que o govêrno português enviou sem a menor consideração para Cabo Verde, onde teem sofrido tudo quanto se pode sofrer.

Como se sabe foram recebidos hostilmente pela burguesia do arquipélago, que temia naturalmente que os nossos camaradas os desmacarassem, ou proclamassem a Revolução Social.

A principio fizeram todo o possível para que o govêrno inundasse transferi-los para outra possessão, ultimamente mudaram de proceder e hipocritamente começaram a criticar com aspereza o govêrno por manter honestos trabalhadores numa terra onde não há que comer. Chegaram os membros da Associação Comercial de S. Vicente a reünir, prometendo dar todo o apoio moral aos deportados,

O grande apoio dos srs. burgueses consistiu em enviar um telegrama ao ministro das colónias dizendo que desde a chegada dos bolxevistas o sossêgo dos caboverdianos de apareceu.

Isto é absolutamente falso porquanto aqueles nossos camaradas preocupados com a fome, não lhes chega o tempo para cuidar de questões sociais.

Verdadeiro crime social é mantê-los naquelas paragens insalubres, sem motivo, sem julgamento, sem que tivessem praticado o mais ligeiro atentado contra as leis portuguesas.

E' a arbitrariedade do costume. Ainda não há muito tempo que o govêrno actual reconheceu ser uma crueldade conservar chefes de família afastados de suas famílias, a quem fazem falta, sujeitos a todas as doenças e a voltarem com o organismo arruinado e, ou deu ou tencionou dar ordem para o seu regresso.

Porêm, o caso esqueceu e o govêrno entretido a baratear a vida não mais pensou nos que andam lá longe a sofrer as conseqüências dos actos criminosos do seu antecessor.

C. G. T.

Devido ao adiantado da hora a que terminaram os trabalhos da terceira sessão do Conselho Confederal, ontem realizada, não podemos dar hoje o respectivo relato.

EM ESPANHA

Continua a paralização do Pôrto de Valência

VALENCIA, 4.—Continua a paralização do pôrto, esperando-se comtudo a rápida solução de todos os conflitos operários.—*Rádio.*

NOTAS & COMENTARIOS

Para fazer fortuna Uma mulher vale dinheiro. E' inacreditável, mas vale. Um indivíduo a quem mataram a companheira, quando da revolta de Monsanto, pede que o indemnisem em 30 contos. Nós liquidariamos o caso a tiro, ou não o liquidariamos porque nada nos pagava a perda da mulher. Mas ao tal indivíduo, um solicitador, trinta contos lhe bastam para substituir um amor perdido. E são capazes de lhe pagar.

Dentro em pouco havemos de vêr muitos maridos levarem as mulheres prá rua em dias de revolta... para fazer fortuna.

Fatos de verão Está fazendo um calor insuportável. Torna-se absolutamente necessário substituir o fato pesado de inverno por outro mais leve, de verão. Mas como? Juntando dinheiro. Vamos começar a roubar ao estômago uns tostões por semana para o fato, uma vestimenta razoável, fresca e cómoda, para suportar esta temperatura de torrar pedras.

E... lá para o inverno temos um belo fato de verão. O' se temos!

A luta pela vida Pancrácio saiu à rua acompanhado duma resolução inabalavel. Era preciso arranjar géneros. Percorreu as mercearias e os celeiros, berrou, barafustou, protestou, humilhou-se e ameaçou. Por fim lá voltou com duzentas e cincoenta disto e meio quilo de aqueloutro. Mas ao entrar em casa, pálido, abatido, cheio de calor e escorrendo em suor, pregunta-lhe a mulher:

—E os fósforos? Como hei-de acender o lume?

Estas preguntas fulminam-no... foi-se com uma congestão cerebral.

CONSELHO JURIDICO da C. G. T.

Julgamento

Efectuou-se ontem no 1.º districto criminal o julgamento do ex-servente do Depósito Central de Fardamentos, José Maria Russo da Cunha, acusado de fazer propaganda bolxevista, dissolvente, subversiva, etc., junto de soldados da guarda republicana, aconselhando o fusilamento de oficiais.

Depôs apenas uma testemunha de acusação, um polícia da investigação, que disse ter procedido a uma busca em casa do acusado, tendo-se lá encontrado um revólver incapaz de dar fogo e muitos livros de propaganda dissolvente. Preguntando-lhe o advogado de defesa, dr. Sobral de Campos o que êle entendia por propaganda dissolvente não soube dizer bem como não disse os títulos dos livros, seus autores ou matéria versada.

A seguir leram-se dois depoimentos de testemunas que não compareceram, passando-se depois às testemunhas de defesa. Entre estas estava o sr. Machado Santos que fez do acusado as melhores referências.

Depois de um pequeno mas interessante discurso do dr. Sobral de Campos, José Maria Russo da Cunha foi absolvido pelo juiz substituto dr. Diôgo Ribeiro que presidiu ao julgamento.

—O advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., de regresso de Evora, está-se ocupando de vários processos pendentes e de novos casos que lhe foram entregues e, entre eles, dum caso de presos de Loanda pelos quais muito se interessam os marítimos de Setúbal e do que breve dará conta.

NA ITÁLIA

Os govêrnos fazem as leis e o povo cumpre se quizer

ROMA, 4.—O govêrno Nitti adoptou a hora de verão para a Itália, porêm o público não aceita essa medida. O pessoal dos eléctricos não guarda a hora de verão, nem os operários de Turim.

Esta situação produz contínuas confusões. Se, por exemplo se trata de marcar uma entrevista, deve-se primeiramente informar do relógio em que convém ver a hora.

No bairro de Versail os operários das organizações brancas e vermelhas, não concordavam com a hora. O governador, solucionou o caso, à maneira de Saloma, tendo os operários principiado a hora, à meia hora.—*Rádio.*

União dos Sindicatos Operários

A sessão de protesto de àmanhã

A fim de tratar da situação de contínua perseguição em que se encontra o órgão operário *A Batalha*, impossibilitado constantemente de circular, e da monstruosa infâmia consumada no julgamento dos camaradas rurais de Evora, em que o advogado do Conselho Jurídico da C. G. T. se desempenhou duma maneira brilhante, realiza-se àmanhã, pelas 21 horas, na sede dêste organismo, uma sessão de protesto, para a qual são convidadas, por êste meio, todas as Federações de Indústria, Sindicatos Unicos e isolados, usando da palavra delegados da C. G. T.

Espera, pois, a U. S. O. que todos os organismos convidados se façam representar na sua máxima fôrça, visto o justificado da sessão.

Exames de primeiro e segundo grau

Ao abrigo da lei o ministro da instrução autorisou exames do primeiro e segundo grau para adultos, em conjunto, nos círculos escolares do 1.º, 3.º e 4.º bairros de Lisboa e no 1.º e 2.º bairros do Pôrto.

A CIDADE...

De madrugada

Lisboa do prazer e da miséria

Lisboa de madrugada é uma outra Lisboa. Quando pelas duas horas o último eléctrico conduz o pessoal da Carris, depois dum dia de estafante labuta, ao descanso de algumas horas curtas, Lisboa do vício, da miséria e do prazer, surde da sombra misteriosa, deslisa pelas ruas desertas, some-se num ou noutro portal escuro, entrega-se à luxuria ou alaparda-se no ambiente morno da tavolagem.

Quem quizer auscultar o grande corpo da cidade, gangrenoso de sifilis e alucinado pelo alcool, que se levante quando o mundo do trabalho repoisa essas horas escassas que vão das duas às cinco; que se dirija ao Rossio, êsse coração doente de pulsações irregulares e observa o que êle lança nas artérias tortuosas da capital e o que recebe pelas veias sombrias que nele desembocam. Que lhe tome o pulso na Avenida ou na rua Garrett; lhe analise os intestinos nauseabundos na Betesga, na rua da Palma e San Domigos. E verá, então, como essas pulsações são febris, como tudo funciona mal, como todas as vísceras estão atacadas de mortal moléstia.

Observemos-lhe as chagas. Sigamos-lhe o aparelho circulatório. Para isso comecêmos pelo coração.

Durante o dia é no *trottoir* ocidental do Rossio que a grande comédia se representa. De noite desenrola-se tragédia no lado oriental. Aqui negoceia-se a carne humana. O tresnoitado escolhe a sua res, mede-lhe num olhar, misto de lascívia e de comércio, a gordura ou a magreza (geralmente esquelética) e oferece a tanto por quilo.

Chale em bico, sapato alto e saia curta, passeia do gaço humano rua abaixo rua acima até despontarem lá ao fundo, as luzes do primeiro carro. Conversam com algum operário salpicado de cal, que não tem casa nem vintêm. Ha por ali às vezes, saloios de chapeu de aba larga, cuja inexperiencia os trouxe à cidade, à miséria, à fome; existem também figuras indecisas, esbatidas na sombra dormindo de pé, junto das portas onduladas. Por êstes passam elas indiferentes, porque são miseráveis como elas e deles não viria dinheiro, nem comida. Mas quando algum chauffeur de boné de pala e grande casaco de peles, deixa a fieira de automóveis, que sonolentos esperam freguês, e atravessa a rua para desenferrugar as pernas, alegram-se as cortezãs baratas, trocam graçolas, vá mesmo um pouco de brincadeira de mãos e risadas alvares. O riso, porêm, não é franco nem vem da alma; uma preocupação constante lhes empana a felicidade que a brincadeira excita: acontece, por vezes, quando alguma mais descuidada se deixa cocegar à vontade pelo chauffeur irreverente, ser de subito interrompida por um bando que vem fugindo, tropeçando nos saltos dos sapatos e lhe grita:—«Ai vem a rusga!» Adeus cocegas, adeus prazer efemero! Voam todas aquelas mariposas desazadas, preferindo perder o alimento de amanhã a passar a noute no govêrno civil e pagar imposto.

O Rossio sossêga e os chauffeurs dormem a sono solto nos bancos estofados dos autos de luxo.

As ruas de noute pertencem, quási exclusivamente à miséria. Na rua do Carmo um pobre de barba branca, costuma estar de pegada conversa com o guarda-noturno tam pobre como êle. Quando a gente passa tira o seu côco amolgado, mostra a calva polida e murmura um pedido. Em seguida volta à conversa.

A Avenida da Liberdade é um grande dormitório e cada banco uma cama. Ali dormem regaladamente os andrajosos. Não é, porêm, a primeira vez que um individuo bem pôsto, por surprezas da vida ou trambulhões da sorte, por lá se asseuta até romper a alba.

Os cívicos são, em regra, condescendentes. Só interveem quando a alto resonar dos párias põe em risco o sono calmo dos que repousam em camas de estilo, nos monumentais prédios fronteiriços.

Entretanto a obscuridade não nivela os homens à mesma desgraça. Há os que suportam as agruras da noite ao frio, ao relento e há os que gosam prazeres ilícitos. Esses encontram-se à saída das casas de jogo, na rua Garrett ou no Jardim do Regedor; na Avenida, nas Portas de Santo Antão ou no Largo de San Domingos.

Invadem de súbito as ruas solitárias, grupos de meninos estroinas; ecoa no silêncio daquela hora o alarido de vozes femeninas e afectadas. São os felizardos da batota. E se o jogo não trouxe azar, há *massa* pra tipoia e para o champanhe. Descem alegremente a rua sem destino definido. Elas com a garganta nua relampejante de pedrarias caras, as pernas sensuais de mesas esticadas, o corpo a sobresair nas linhas sinuosas dum vestido *dernier cri*, pulam e correm entre viva chalaça, proferindo as suas bocas piutadas obscenidades tremendas, deixando-se enlaçar pelos machos semi-bebedos de vinho fino e de ganhos imorais de roleta.

Um trem desocupado passa e eles aí vão para Bemfica ou para o Valmôr, acabar a noite, perdidos de embriaguez, malsaboreando já as iguarias picantes de fabulosos preços.

Subamos lá acima ao segundo andar onde as janelas ostentam um brilho cruel no fundo da noite sombria. Já na escada alcatifada se ouve um leve rumor de vozes que combinam crime. Subamos, subamos. As notas vivas e saltitantes duma música espanhola resoam lá dentro vibradas por dedos hábeis em teclas de marfim. Instintivamente vamos atrás da música e eis que a luz crúa das lâmpadas não nos permite ver mais do que algumas formas esgueirando-se enlaçadas. Algumas mulheres dansam em requebros de *apache*, em lúbricas atitudes de prostituta. Apesar do furor da dansa e dos saltos do *maxixe*, as faces deles são pálidas, terrosas e elas manteem sempre as mesmas côres afogueadas que não lhes pertencem, mas ao pó roxo com que se pintam.

No compartimento ao lado joga-se. A roleta não pára nunca, roda sempre. Roda e leva consigo as economias de muitos e traz consigo a sorte de alguns. A bola de marfim pula e corre, plena de mobilidade, animada, viva. Por fim detem-se. Uma voz pastosa anuncia:

—Vinte e um.

Começa então a entrega do ganho e a caça da perda. As pás levam algumas moedas de prata furadas e trazem outras. Entretanto mãos ávidas, mãos trémulas de velhos viciosos, mãos sapudas de comerciante, delicadas de mulher, deformadas do operário, subtis de ladrão, recomeçam a sementeira de rodelas scintilantes, de fixas de madre-pérola. O pano verde fica como o grande casaco do porteiro do club, pejado de rutilantes botões.

A roleta roda novamente e a bolita de marfim salta, vivendo a ansiedade dos que a animaram arriscando-se. Pula muito, pula sempre a bola endiabrada. O calor é asfixiante, o brilho da luz incomoda, o verde do pano enlouquece. E a roleta roda e a bola salta... Algumas mãos retiram paradas outras aumentam-nas. O jôgo carrega sôbre o doze... e a roleta roda e a bola pula. Os *pontos* estalam de impaciência. As paradas no doze alargam, cobrem o número por completo. Aquele doze atrai, há palpites. E a roleta roda, roda, e a bolinha salta, hesita e cai finalmente num número que não se distingue ainda. A roleta roda com grande velocidade. Que número será? O doze? Todos os olhos se fitam na roleta que roda ainda.

—Vinte e quatro!—grita uma voz rouca.

E a roleta roda, roda sem fim...

* * *

A' saída já a cidade está acordada. A vida do trabalho recomeça. O dia vai animando de tintas imprecisas as cumiadas dos prédios. Dentro de pouco tempo os trabalhadores cruzam-se em todas as direcções, espalham-se por toda a parte.

A cidade do trabalho sucede à cidade do crime. Mas êsse trabalho inconsciente levantará clubs suspeitos e hospitais; escolas e casernas; choupanas e palácios; manicómios e tabernas; monumentos belos e penitenciárias! Ele praticará com a mesma indiferença o Bem e o Mal.

¡Um dia, porêm, o trabalho saberá escolher e, então, adeus prazeres que desonram e misérias que aviltam!

Mário DOMINGUES.

Conflito gráfico dos quadros dos jornais

Mantêm-se no mesmo estado o movimento gráfico, continuando em laboração os jornais: *O Tempo*, *Jornal do Comércio e das Colónias*, *O Popular*, *A. B. C.*, *A Pátria*, *A Batalha* e o *Radical* que atenderam as reclamações formuladas pela Comissão Executiva Pró-Aumento de Salário das Classes Gráficas, junto da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal.

Quanto à nota da *Monarquia* publicada nos jornais, referente ao *empastelamento* da sua oficina, que diz: «Este facto criminoso é o segundo de que são responsáveis os tipógrafos grevistas e o primeiro que se pratica após uma reünião havida entre êles e em que se resolveu que diversos operários se apresentassem ao trabalho, com o intúito de inutilizar as oficinas» declara a Comissão Executiva ser caluniosa a referida nota, porquanto não houve qualquer reünião nesse sentido.

A Comissão Executiva convida a empreza do jornal *A Monarquia* a provar publicamente a afirmação que fez na sua nota. Caso contrário, a comissão, no uso pleno dos seus direitos, procederá conforme lhe compete, perante as acusações não fundamentadas, no só único intúito de fazer recair o odioso da opinião pública sôbre uma classe que tam ordeiramente se tem mantido, cônscia da razão e da justiça que assistem às suas reclamações.

—Regista a comissão o apedrejamento levado a efeito por Mário de Almeida, que era acompanhado por um outro indivíduo de nome Elviro das Neves Duque, na sede da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, na terça feira, 1, sendo o primeiro conduzido à esquadra donde foi imediatamente restitnido à liberdade.

Estes indivíduos andavam aliciando tipógrafos grevistas para o jornal *A Monarquia*.

—A Comissão Executiva previne todos os quadros gráficos dos jornais que se mantem a deliberação da semana anterior, isto é, a continuação da contribuição do dia de folga.

Trabalhadores: Lêde e propagai A BATALHA

De terras de África

Terminou pouco airosamente o conflito gráfico, mas os patrões portugueses fizeram a pior figura—Os tipógrafos europeus mostram-se inferiores aos seus camaradas africanos.—Polémica jornalística—O 1.º de Maio

LOURENÇO MARQUES, 2 de Maio de 1920.—Já teve o seu desfecho, há uns bons quinze dias, o conflito gráfico. Também êste não teve um final muito airoso, mas, sirva-nos isto de consolação, o patronato não pode jactar-se duma vitória, porque andou nesta questão com uma falta de hombridade que faz com que fôsse êle quem, afinal, fez a mais triste e lamentável figura. Referimo-nos, é claro, aos três industriais portugueses de que falámos na nossa última carta, porque o industrial inglês e o industrial indiano mantiveram o compromisso que assinaram e a que podiam faltar ante a atitude dos seus colegas portugueses.

Mais triste figura ainda que os industriais em questão, fizeram-na, porêm, os três únicos tipografos brancos das casas em greve, pois, trairam o movimento.

Os tipografos pretos aguentaram-se quinze dias, mas depressa esmoreceram, concorrendo muito para isso a atitude dos seus colegas brancos e o boato de que os patrões haviam mandado vir pessoal de Lisboa, o que deu origem a um telegrama da Associação Gráfica de Lourenço Marques para a Federação do Livro e do Jornal, que, certamente, é do vosso conhecimento.

Quem também não andou bem foi a South African Typographical Union que, tendo arrancado a assinatura do industrial inglês de nada mais quiz saber. Cremos, por isso, que, à *entente* tipográfica luso-sul africana, foi um ar que lhe deu.

Não acompanhámos de perto o conflito. Longe mesmo disso, porque a doença nos levou a conservarmo-nos alheios a êle. Mas sabemos dele o suficiente para afirmarmos que não saiu muito robustecida a Associação Gráfica, que, no entanto, contem no seu seio a quási totalidade da classe. A solução do conflito foi baseada em pôr-se completamente de parte todo o trabalho de interferência inglesa, de que falámos na nossa última correspondência, e aceitar-se uma tabela simples, de pagamento em ouro—o que já foi uma vitória—de aumento em todos os salários, tabela a que se comprometia a casa oferente—a principal—havendo outra, que, só tinha dois impressores, que, cremos, deu igual aumento. A terceira, essa fez lá um acôrdo qualquer com o pessoal, extra-Associação.

Quanto aos jornais, igual *débacle*. Cremos que só um, onde houve greve, fez um aumento de cincoenta por cento.

Emfim! Ainda não foram os gráficos que conseguiram engrinaldar uma corôa de louros que honrasse o movimento operário local.

E' pena, por um lado, que se fôsse por água abaixo a *entente* tipográfica, luso-sul-africana, embora, por outra, pouco se perdesse, pois, soubemo-lo quási no fim do movimento, o convénio de trabalho em vigor na África do Sul tem cláusulas deprimentes, como é uma que torna impossíveis as greves em virtude da aceitação forçada, nos conflitos, duma arbitragem do Estado em última instância.

Ainda não foi desta que se iniciou a unidade operária luso-sul-africana. Mas ela é fatal. estamos disso convencidos, num futuro mais ou menos longínquo.

«O Emancipador» e os jornais conservadores

A imprensa de cá começa a dar importância ao movimento operário local, parecendo-lhe vêr reflectir-se aqui a convulsão mundial. Deve-se isto em parte, à doutrina abertamente revolucionária que o semanário socialista *O Emancipador* vem defendendo. Teem-se dado polémicas entre os jornais conservadores—especialmente *A Cidade*—e o *Emancipador*, e grato nos é registar o triunfo do semanário socialista sôbre o adversário, pois teem ficado sem resposta as suas contestações aos artigos com que *A Cidade* tem vindo... à cidade.

A comemoração do 1.º de Maio

Soubemos aqui de todos os acontecimentos aí ocorridos. Graças à expansão de *A Batalha* aqui, o *Baptistinha* tem cá muitos admiradores, que igualmente admiram muito os *herois do medo* a que vulgarmente chamam guardas republicanos. Despertou hilariedade o pânico dos herois por causa da espingarda que se disparou no Rossio a um deles. Os comentários não faltaram ácres a valer.

O 1.º de Maio foi aqui comemorado. Não trabalhou a quási generalidade da indústria particular, tendo paralisado os serviço do Pôrto e Caminhos de Ferro de Lourenço Marques.

A' tarde realisou-se no Teátro Varietá uma sessão solene promovida pelas Asssociações locais que não teve grande concorrência.

A' noite realisou-se, promovido pelo *Emancipador* e em seu favor, um espectáculo, também no Teatro Varietá, com as peças *Uma anedota*, *No Campo da oposição* e *Amanhã*, representadas pela Troupe Dramática Portuguesa. Figurou no programa *A Internacional*, que a assistência que enchia a casa ouviu de pé, inclusivé... o representante da autoridade.

O Emancipador saiu no 1.º de Maio com uma bela gravura alusiva. A título de curiosidade e para se ver quanto lhe custou a comemoração: os nossos visinhos da União legaram a bagatela de cinco libras (oitenta escudos) pela gravura.

Foi um 1.º de Maio... que custou caro!

R. D.

A vida de "A Batalha"

Continuam as adesões à proposta de aumento de preço, que desde àmanhã começa a ser um facto

Embora já seja um facto assente, o passar o nosso jornal, a partir de àmanhã, a vender-se a cinco centavos, damos a seguir algumas cartas de camaradas que dedicadamente dão o seu apoio à proposta do aumento de preço.

Lisboa, 2-6-920.—*Meu caro amigo Vieira.*—O alvitre dos camaradas do comércio sôbre o aumento para $05 do preço de *A Batalha*, encontrou em mim o mais decidido e entusiástico apoio, e creio não errar afirmando que outro tanto acontecerá a todos os camaradas, que dediquem um pouco de atenção aos enormes serviços, ao esforço titânico que o nosso diário tem produzido em prol da organização operária em geral.

Suprema idealização até princípios de 1919, nós não devemos deixar desaparecer a materialização dêsse ideal, porque êle representa a persistência na luta, que tanto mais nobre será quanto mais dura fôr a peleja.

Tenhamos só isto em vista: o jornal não deve e não há de desaparecer.

¿Será um sacrifício para muitos dar cinco centavos?

Pois bem, êsse sacrifício será tido em tanta maior conta quanto maior êle fôr. E *A Batalha* merece-os todos!... Vosso amigo certo, *Manuel da Costa*, operário sindicado da Construção Civil.

Lisboa, 3-6-920.—*Camarada redactor.*—Damos todo o nosso apoio à idea de aumentar, para $05, o preço do nosso querido jornal *A Batalha*. Saúde e solidariedade.—*Manuel Paulo* e *José Martins*, manufactores de calçado.

Camarada redactor.—Tendo lido no nosso jornal, que tem lutado com grandes dificuldades, devido ao elevadíssimo preço do papel; eu estou de acôrdo que o jornal passe a ser vendido por $05. Junto envio 1$00 para auxílio de *A Batalha*.—*António F.*

Meu caro Vieira.—Acabo de lêr na *Batalha* as cartas de aplauso ao alvitre dos camaradas empregados no comércio para que o nosso jornal passe a ser vendido ao preço de cinco centavos.

Além de *A Batalha* passar a custar cinco centavos, alvitrava que se realizasse a semana de *A Batalha*, começando num dos próximos domingos e terminando oito dias depois. Nessa semana far-se-iam em todos os sindicatos sessões a favor da liberdade de imprensa, tomando cada um dos assistentes o compromisso de contribuir com dez centavos por sessão.

E' possível que os meus afazeres não me permitam assistir às sessões por isso te envio desde já os $80.

Teu e da causa, *José Moreira.*

MINA DO LOUZAL, 3-6-920.—*Caro amigo.*—Fiquei bem impressionado ao saber da proposta dos camaradas do comércio. Dou-lhe os meus ardentes votos de aprovação. Vale mais estar um dia sem comer, que passar sem lêr *A Batalha*.—Saúde e Revolução Social.—*António Gomes Guerreiro.*

EVORA, 2-6-920.—*Presados camaradas.*—Não podia deixar de vir dar o meu franco e leal apoio para que o jornal passe a vender-se a cinco centavos. ¿Não gastamos nós, operários, às vezes, tanto dinheiro inútilmente? Portanto, melhor podemos ajudar a manter o nosso órgão na imprensa, sem o qual nós, trabalhadores, veríamos mais fàcilmente postergados os nossos direitos pela classe capitalista, que constantemente nos persegue.

Cumpri mais uma vez o dever de boa camaradagem e solidariedade.

Junto envio um escudo para auxílio de *A Batalha*. Saúde e solidariedade.—*Abílio da Graça Andrade.*

TAVIRA, 2-6-920.—*Camarada.*—Lendo no jornal a iniciativa de alguns camaradas para a venda de *A Batalha* a cinco centavos, desde já declaro que acho justo e dou o meu apoio a essa idea, pois não pode desaparecer o baluarte da organização operária.—*Joaquim Jerónimo de Almeida.*

Até hoje só dois camaradas se nos dirigiram discordando, em parte, com a idea do aumento do preço, pois estando, por seu lado, prontos a fazer, e já o fazem, sacrifícios pelo jornal, contudo entendem que nem todos os trabalhadores compreendem os seus deveres, e receiam que custando *A Batalha* mais cara que os jornais mercantilistas, ela possa sofrer com o aumento proposto.

A não ser êsse receio, um deles o camarada Joaquim Tomé Lopes, presidente da Associação dos Descarregadores de Mar e Terra, manifesta-se assim:

Parece-me que não haverá um único camarada dos que diàriamente teem dado $02 por *A Batalha*, que àmanhã se recuse a dar $05, pois elas comprá-la hão por todo o preço, porque compreendem bem quais são os seus deveres.

O outro, o camarada Antero Fernandes, manifesta que os conscientes devem fazer todos os sacrifícios, para cobrir a acção dos inconscientes. Por sêrem muito extensas não publicamos as suas cartas, e a êsses e a todos os camaradas que tenham iguais receios, só temos que lhes dizer que a salvação de *A Batalha* só está nas mãos dos camaradas sinceros e dedicados.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

ÁMANHÃ

O urso contra a baleia

Artigo de A. Hamon, o primeiro da série A GUERRA SOCIAL.

A BATALHA NO PORTO

Mantem-se a greve dos empregados no comércio e de farmácia—Os empregados de escritório e bancos votam também a greve —A dos operários alfaiates continua

PORTO, 3.—A greve dos empregados no comércio continua a ser a nota do dia. E' certo que, a princípio, ela foi pouco notada, dada a circunstância da grande quantidade de amarelos, o que não é para admirar, atendendo a que é a primeira vez que a classe caixeiral inicia uma luta grevista. Todavia, a parte que desde logo abandonou os seus lugares tem sido imenso activa, actuando com altivez e energia. Junto dos estabelecimentos onde estão colegas trabalhando, faltando assim à solidariedade e ao cumprimento dos seus deveres, as comissões encarregadas de intensificar o movimento teem apelado para a honra daqueles empregados que, timoratamente, ainda não aderiram à greve, quando ela se destina à consecução de uma melhoria de vencimentos que a todos toca, suavizando as dificuldades por que actualmente passam. As aludidas comissões teem sido bem sucedidas numas partes; noutras, porêm, teem sido interrompidas, visto que, a pretexto da garantia da liberdade de trabalho, a polícia tem intervido grosseiramente. Este caso é que tem originado os conflitos entre os grevistas e a fôrça policial, que, diga-se de passagem, está, segundo os interessados, a contribuir para o alastramento da greve, dada a indignação provocada pelas brutalidades dos encarregados de manter a ordem. Indignação, aliás, que vai afetando todos quantos presenceiam os actos dos guardas.

Apesar de todos os incidentes ocorridos e das prisões efectuadas, da resistência dos patrões-comerciantes que incitam os «marçanos» a receberem os seus colegas hostilmente, e das ordens severas da autoridade para reprimirem os aliciamentos à greve, ainda que sejam por um lógico convencimento e não por coação, a comissão de negociações dos empregados no comércio e farmácia tem constatado muitas adesões, assim como vários incitamentos da classe caixeiral da província.

Na assemblea magna de ontem, foi aprovada a seguinte moção:

As classes dos empregados no comércio do Pôrto e farmácia reúnidas em sessão permanente: considerando que o maior entusiasmo anima as classes que estão dispostas a reivindicar, por todas as formas, que as circunstâncias exigirem, o direito incontestável de viver, existência idêntica aos demais trabalhadores; considerando que, apesar da fórma correcta como se tem dirigido aos colegas, cuja adesão ao movimento ainda se não realizou, a polícia tem procedido duma fórma desumana e revoltante, incompatível com os mais rudes preconceitos de humanidade e legalidade, resolve:—1.º Continuar no movimento até que completas satisfações sejam dadas às suas reclamações; 2.º—Proclamar por todas as fórmas ao seu alcance o seu mais veemente protesto contra semelhantes arbitrariedades; 3.º—Tornar ciênte mais uma vez às autoridades que estando o movimento dentro da lei que garante o direito à greve, evidentemente que ilegal desumano é o procedimento violento dos agentes da autoridade».

Na especialidade de farmácia a greve vai aumentando, havendo muitos estabelecimentos fechados e outros sem os empregados. Há também amarelos, mas o Comité, conforme nos lucida nas suas notas, esperava maior número deles; são poucos os que existem.

Os empregados de farmácia do Hospital de Santo Antônio tornaram-se solidários com os seus colegas em luta; resolveram, porêm, fazer serviço exclusivamente para os doentes internos em tratamento, e cuja gravidade é para não desprezar.

Na sua respectiva associação de classe reúniram os empregados de escritório e bancos para tratar das suas reclamações. Alguem apresentou uma moção para que se nomeasse uma grande comissão, a fim de percorrer as casas patronais e solicitar-lhes uma resposta satisfatória à tabela das reclamações. A maioria dos assistentes discordou e pronunciou-se ruidosamente pela greve imediata. Efectivamente, aquela grande maioria dos empregados de escritório e bancos reúniram na sede da União dos Empregados do Comércio, votando a greve.

Os empregadss no comércio distribuiram profusamente, durante o dia, um manifesto. Nele afirmam que não os intimida a perspectiva da fome, o exílio ou as represálias, que contam como estas. E terminam por dizer: «se o patronato nos não atender, nós provaremos ao público quem infamemente falsifica os medicamentos, onde apodrece o bacalhau, se combinam as potências infernais que lentamente cravam as garras aduncas aos corpos esquálidos dos trabalhadores.»

Quanto a mim, melhor seria que se descobrissem já semelhantes crimes, nobilitar-se ía a classe dos empregados comerciais e de farmácia, não mais colaborando neles e predispondo-se para a conquista de um mundo mais moral e humano.

A greve dos alfaiates

A greve dos alfaiates prossegue no mesmo campo. Como nos dias anteriores, efectuou-se ontem uma nova reünião magna, da qual nos forneceram a seguinte nota oficiosa:

«Na reünião efectuada hoje pelos operários alfaiates em greve, constatou-se, mais uma vez, a intransigência dos industriais, os quais parece não quererem reconhecer os direitos da vida que assistem aos seus *modestos* cooperadores.

Ora a greve foi motivada devido à carestia da vida e ao agravamento sensível do preço que últimamente teem atingido os «preparos». Antes, porêm, a classe dos alfaiates tentou harmonisar as duas partes interessadas, esperando que o aumento de 100 por cento para os oficiais de peça e 80 para os de dia, fôsse satisfeito sem necessidade de conflitos, pois subindo a vida perto de 1000 por cento, esta classe ainda só conseguiu de melhoria uns 120 a 130 por cento!

As assembleas magnas teem visto, com pesar, que os industriais se desculpam com evasivas uns, com ameaças outros, quando êsses gananciosos outra coisa não teem feito se não explorar, não só os fregueses, mas também os seus operários, conseguindo ampliar os seus estabelecimentos e aumentar as quantias nos seus cofres. Os alfaiates, reünidos nesta assemblea, lamentaram também que os mais renitentes sejam justamente aqueles que ontem, ainda operários e sócios da sua associação de classe, mais protestaram contra o roubo patronal (isto no tempo da vida normal), alguns dos quais ainda hoje querem passar por *avançados*... Ponderando a assemblea estes casos, resolveu continuar na luta até à satisfação das suas reclamações. Ao mesmo tempo ratificou o auxilio a prestar ao jornal *A Batalha*, adquirindo 20 acções.»—C.

A consciência operária

Infelizmente, as manifestações sinceras e orientadas do operariado não são num número tam elevado como era lícito esperar, mas elas já hoje representam alguma coisa de consolador, dando-nos a certeza que prosseguirão na sua evolução progressiva, conforme forem sendo abolidos os preconceitos de que os homens estão eivados.

A Batalha tem tido a felicidade de encontrar em volta dela um bom núcleo de sinceridades, sempre prontas a defendê-la e a apoiá-la nos transes difíceis.

E' com uma grata satisfação que publicamos palavras como as que seguem, ditadas pela consciência de camaradas que à causa dos oprimidos tem dado uma boa parte do seu esfôrço, em que o sacrifício toma um lugar preponderante:

Camarada redactor.—Sendo leitora assidua do nosso jornal *A Batalha* e vendo o perigo que a ameaça, devido não só à carestia do papel como também às perseguições governamentais, aproveito esta para lançar o meu protesto contra o procedimento dos perseguidores do nosso jornal, lamentando a inconsciência de muitos operários que não auxiliam *A Batalha*, para comprar jornais burgueses.

Camaradas, homens e mulheres, eu vos incito a seguirdes o meu exemplo: ajudai a manter o nosso jornal, não deixeis morrer o nosso diário, defensor de todo o proletariado; o seu desaparecimento seria uma vitória para a burguesia. Eu, ex-operária da Companhia dos Tabacos, cumpro o meu dever, concorrendo mensalmente com a cota de $20 centavos, e junto envio a importância dêste mês, cota que manterei emquanto perigar a existência de *A Batalha*, e assim que tiver colocação concorrerei também para a Casa dos Trabalhadores.

Palmira da Conceição Sousa, ex-operária da Companhia dos Tabacos.

Lisboa, 5-6-920.—*Camarada redactor.*—Na medida das minhas forças farei a maior guerra possível a essa imprensa que para aí vagueia, fazendo a apologia duma sociedade iniqua, em que os que produzem nada teem e os parasitas tudo possuem.

E' por isso que eu me tenho dedicado com toda a alma, desde há seus 32 para 33 anos, a leitura dos jornais operários. Se todos assim procedessem, essa imprensa trapalhona já teria desaparecido. Portanto, direi que, os maiores culpados da situação de *A Batalha*, são os trabalhadores.

Se eu estou em desacordo com o homem que traz uma espingarda, com aquele que me rouba no peso e na qualidade dos géneros, com o senhorio que me leva couro e cabelo pela renda duma casa, muitas vezes sem ar e sem luz, para que hei de lêr essa imprensa trapalhona?

Farei sempre a maior propaganda para o engrandecimento de todos os jornais operários, como *A Batalha*, *A Comuna* e o *Despertar*, enfim de todos os jornais que contribuam para o desaparecimento desta sociedade injusta.

Várias iniciativas tem aparecido, a fim que a nossa incansável *Batalha* não deixe de publicar-se; todos eles me servem; no entanto, opto por aquela que propõe que cada sindicado pague um centavo por mês; o que não deve bastar para que cada um não adquira, pelo menos, uma acção de $50 centavos.

É assim o que todos os assalariados contribuirão para uma sociedade mais justa e igualitária. Dando o exemplo do verdadeiro procedimento a seguir, a partir dêste mês contribuirei mensalmente com $50 centavos, adquirindo, além disso, desde já, cinco acções de cincoenta centavos, assim como contribuirei para todas as festas que se realizem a favor dos nossos jornais. Eu desejo o desaparecimento desta sociedade, e só assim ela desaparecerá. Mãos à obra. —*António Martins Godinho*, ferroviário da C. P.

Sindicato Ferroviário

Uma comissão do Sindicato Ferroviário avistou-se ontem com o ministro do trabalho esclarecendo um ofício que lhe havia sido enviado sôbre várias infracções, cometidas nos caminhos de ferro, à lei e regulamento provisório do horário do trabalho.

Nessa entrevista ficou assente que a comissão fizesse uma exposição por escrito dos incriminados, entre os quais conta a demissão de alguns agentes da via e o cerceamento de regalias adquiridas.

O ministro do trabalho no decorrer da entrevista demonstrou desejo de examinar as moções votadas pelo pessoal nas várias reüniões realizadas na linha, sendo portanto da maior conveniência que o pessoal das estações que até à data não reüniram, o faça até ao dia 10 do corrente, a fim de habilitar a comissão a demonstrar ao ministro do trabalho qual é a verdadeira opinião da maioria da classe sôbre a lei do horário de trabalho e sua regulamentação definitiva.

Desleixo ou quê?

Dizem-nos que o director interino dos hospitais civis de Lisboa, sr. Arnaldo Farinha teve ontem conhecimento de que nestes estabelecimentos não havia alguns generos indispensáveis à alimentação dos enfermos, tais como açúcar, manteiga, banha e azeite, resolvendo desde logo providenciar no sentido de adquirir alguns daqueles géneros, sendo disso encarregado o o fiscal geral sr. José Simões que conseguiu obter 30 litros de azeite na casa Vale do Rio.

Procurando esclarecer-se o assunto parece que se apurou que estas faltas são da responsabilidade do chefe do Economáto sr. José Borges Peralta, pois, diz-se, que êste senhor, única pessoa autorisada a fazer compras para os hospitais, teve há bem pouco tempo a oferta de 60 cascos de azeite ao preço da tabela, oferta que recusou.

Mais nos dizem que o azeite falta há três dias e que a comida tem sido cosinhada com uns litros de azeite que na cosinha havia de reserva; a banha falta há 8 dias, a manteiga há 5 dias e o açúcar há 6 dias.

O sr. Arnaldo Farinha comunicou estes actos ao Ministro do Trabalho.

CONFERENCIAS

Sociedade Portuguesa de Sciências Naturais.—Promovida por esta sociedade realiza-se depois de âmanhã, pelas 21 horas, no edifício da Faculdade de Medicina, uma conferência subordinada ao título «Quadro geral de anatomia», dissertando o professor dr. Henrique de Vilhena.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico da Construção Civil.—*Bôlsa de Trabalho e de Solidariedade.*—Desde o dia 1 do corrente mês que está funcionando a Secção Central da Bôlsa na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, onde se encontra aberta a inscrição de todos os operários desta indústria que queiram obter colocação vantajosa.

Todos os patrões, industriais ou mestres de obras que necessitem operários bons profissionais, de todas as classes desta indústria, devem fazer os seus pedidos a esta Bôlsa, todos os dias úteis das 10 às 18 horas e das 20 às 23 horas. Na sede da mesma se encontram as condições de oferta e procura.

—O conselho administrativo da Bôlsa resolveu, até normalizar a cobrança, suspender os pagamentos a todos os camaradas que estiveram presos e se encontram em liberdade.

Sindicato Unico Mobiliário.—*Conselho Técnico e de Melhoramentos.*—Havendo ainda bastantes camaradas sem trabalho, distribuem-se hoje, por todas as oficinas, listas de auxílio, devendo os respectivos delegados entregar na sede, as importâncias recebidas.

Também se lembra a conveniência de informar quais os camaradas que ùltimamente teem ingressado nas oficinas e onde existem vagas.

Convém informar que existem pedidos de operários polidores, entalhadores e marceneiros, dão-se informações na sede do sindicato, onde deve comparecer, com urgência, o camarada Alberto Gouveia.

Operários Municipais.—Reüniram em conjunto algumas direcções de associações dos operários municipais, para apreciar a sua precária situação, deliberando reünir depois de âmanhã, pelas 21 horas, na travessa de Agua de Flôr, 16, 1.º, todas as direcções de associações de operários municipais e assim como delegados da Federação da Construção Civil e Sindicato Unico Metalúrgico, sendo da máxima necessidade a comparência dos jardineiros e calceteiros.

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.—Reúne hoje, pelas 14 horas, a comissão executiva pró-aumento de salário dos quadros dos jornais.

Sindicato Unico da Construção Civil.—Fica por êste meio convidado o camarada que nas obras do Manicómio fazia a cobrança aos canteiros, a comparecer hoje, na sede, trazendo o expediente.

Sindicato Unico Mobiliário.—*Comissão administrativa.*—A fim de regularizar o serviço de cobrança, pede-se a comparência hoje, sem falta, dos camaradas Guilhermino Anselmo e Alfredo Rocha.

Corticeiros. — Reúnem àmanhã, pelas 11 horas.

Pessoal da Carris de Ferro.—Reúne hoje, pelas 20 horas prefixas, em assemblea geral, para a comissão de melhoramentos apresentar o resultado das últimas *demarches*, apreciar o último movimento e para nomear delegados à União dos Sindicatos Operários. Pede-se a todos os camaradas associados que não faltem.

Pessoal dos Tabacos.—E' convidado todo o pessoal a reünir, em assemblea geral, no próximo dia 8, para assuntos importantes para a classe e para preenchimento de vagas da comissão administrativa, nomeação de nova comissão de melhoramentos e distribuição aos mais necessitados que ainda se encontram fora das fábricas.

Jardineiros.—Reúnem hoje, pelas 21 horas, em segunda convocação, para discutir o relatório de contas.

Cortadores.—São convidados a comparecer hoje, pelas 20 horas, na sede, os camaradas que tenham a apresentar ou já tenham apresentado as suas reclamações, para a comissão de aumento de salário fechar a inscrição.

Manufactores de calçado.—Reúnem depois de àmanhã, pelas 21 horas, em assemblea geral, para tratar dum assunto urgente.

A fim de apreciar a situação da classe em face do último movimento, é convocada a mesma a reünir em sessão magna, na próxima terça feira, pelas 21 horas. Está sendo distribuido um manifesto à classe, convidando-a a cumprir o seu dever.

Reclamação justa

Devido a uma queda que deu, em 3 de Outubro de 1914, quando trabalhava no forte de Monsanto, ficou impossibilitado de exercer o seu mister o operário das obras públicas Caetano José de Almeida. Em vista disso, ficou recebendo um subsídio de $600 semanais, dois terços do salário, que sucessivamente lhe foi aumentado, até que ultimamente recebia 9$66. Porêm, na semana que findou em 3 do corrente, foi-lhe êsse subsídio diminuido para 6$44.

Nos tempos que atravessamos, em que a vida dia a dia mais encarece, achamos pouco justo que se diminúa o subsídio àquele homem, tanto mais que êle está impossibilitado de trabalhar em virtude do que apontamos.

Contra os senhorios gananciosos

Proezas duma senhoria

Queixa-se-nos Domingos Jorge de Figueiredo, moradora na rua de Infantaria 16, 39, loja, a Campo de Ourique, que a senhoria, Brígida do Patrocínio, vendedeira ambulante de flores, sem motivo e sem avisar, promovera-lhe o ano passado um despejo com o intuito de aumentar a renda, alegando que êle não a pagava no dia 1.º de cada mês, o que era falso. Ganhou a questão no tribunal, porque se provou a má fé da senhoria. Dali em diante esta e uma sua filha, Palmira Rodrigues Costa levantara-lhe as maiores calúnias, insultando-o e a sua esposa, diàriamente, com o intuito de os indispôrem com a visinhança. Não podendo viver naquele constante inferno, apresentou queixa no dia 6 de Maio, na 2.ª secção do govêrno civil, sendo sua esposa e a senhoria chamada no dia 6. Sucede que foram estas ouvidas em primeiro lugar, sendo tratadas com todas as atenções, o que não sucedeu com sua esposa, de quem faziam troça, admitindo tudo o respectivo agente que atirou com a queixa para um canto, dizendo não ter fundamento e que seria melhor saírem da casa, senão a senhoria apresentava uma planta à câmara que queria a casa para obras e punha-os na rua. Como lhe fôsse retorquido que o advogado que tratara do despêjo dissera não poder isso fazer-se, o agente disse que eles tinham mais competência e saber que os próprios advogados!

Diz o queixoso que os superiores da polícia desconhecem talvez êstes factos, e por isso para eles pede providências.

Um senhorio como há muitos

E' o João Marques da Silva um senhorio como há muitos. Não é a primeira vez que o seu nome passa por estas colunas e, decerto, os numerosos leitores deste jornal já o conhecem como injusto e explorador dos seus inquilinos.

Desta vez quere—segundo nos conta José Bento, morador no seu predio, rua de S. Paulo, 224, 5.º—despedir não só êste inquilino como mais três a título de obras. A comédia do costume. Já aumentou por três vezes, a renda ao queixoso, recusou-se a fazer novo arrendamento e a aceitar a caução, fingindo-se benemérito, mas o seu intuito revela-se agora,—alugar a casa a quem lhe possa pagar o que êle quere.

Certamente os inquilinos saberão resistir às arremetidas do João Marques Silva, porque nem sempre a infâmia há de vencer.

Últimas notícias

Em tôrno da Rússia Vermelha

Os bolxevistas tomam a capital da Pérsia

NEW-YORK, 6.—Um telegrama de Constantinopla para a **Associated Press** comunica que a Legação da Pérsia recebeu um despacho em que se anuncia a entrada dos bolxevistas em Teheram, capital da Pérsia.—H.

A delegação socialista italiana a caminho da Rússia

STOCKOLM, 6.—A delegação socialista italiana passou nesta cidade em direcção à Rússia.—H.

As conferências entre Krassine, delegado sovietista e Lloyd George

LONDRES, 6.—Respondendo na Câmara dos Comuns a preguntas que lhe foram feitas sôbre as negociações com Krassine, delegado dos Sovietes, o sr. Lloyd George disse que a decisão de se renovarem as relações comerciais com a Rússia foi tomada em Paris, em 16 de Janeiro último, e que também o conselho Supremo decidiu em San-Remo autorizar os aliados a conferenciarem com Krassine, tendo em vista a renovação dos negócios com a Rússia por intermédio das Cooperativas russas. O Conselho Supremo apreciou igualmente, os nomes dos delegados russos, fazendo excepção para Litwinof. O sr. Lloyd George acrescentou que as condições preliminares apresentadas antes do restabelecimento das relações com a Rússia, são a libertação de todos os prisioneiros britânicos, militares e civis. A primeira conferência do conselho supremo económico inter-aliado com Krassine está marcada para hoje.

A Norte América faz-se representar nas conferências de Krassine

WASHINGTON, 6.—Segundo informações oficiais o govêrno dos Estados Unidos será representado sem carácter oficial nas conferências entre Krassine e o conselho supremo económico inter-aliado

NA INGLATERRA

90 °/o dos operários do gaz pronunciam-se pela greve

LONDRES, 6.—Pronunciaram-se em favor da greve para o aumento de salário de 10 shillings por semana 90 °/o dos operários britânicos do gaz.—H.

Na Dinamarca

Pela primeira vez é apresentado no parlamento um projecto anti-monárquico

COPENHAGUE, 4.—O grupo socialista do parlamento dinamarquês apresentou um sensacional projecto de transformação da forma do estado na Dinamarca.

Este projecto, que em breve será discutido em sessão plenária, prevê a forma republicana e o sistema duma câmara única.

A república dinamarquesa formar-se há segundo o modêlo suísso.

O Conselho de Estado seria elegivel, por três anos, pelo parlamento.

O presidente da república seria eleito pelo Conselho de Estado dentre os seus membros. Segundo se pratica na Suíssa, seria nomeado por um ano.

Por agora, a maioria dos parlamentares não é favorável a êste projecto. Porêm, nem por isso o projecto deixará de dar lugar a uma animada discussão política.

E' esta a primeira vez que se apresenta ao parlamento um projecto anti-monárquico.—*Rádio.*

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Setúbal.—A fim de tratar de diversos assuntos de interêsse para êste núcleo, são convidados todos os sócios a reünir àmanhã, pelas 12 horas. Pede-se a comparência de todos os camaradas.

Núcleo do 1.º bairro.—Tomaram posse dos respectivos cargos, os membros componentes das novas comissões, manifestando todos eles a melhor das vontades para cumprir integralmente o programa aprovado. Em seguida à assinatura dos termos de posse, encetaram-se os primeiros trabalhos, tendo ficado resolvido a publicação de um manifesto circular, a fim de convidar os camaradas conscientes a utilizarem-se da biblioteca, que está sendo sensivelmente aumentada, devido à boa vontade dos sócios, e a frequentarem as conferências, escolas de militantes e sessões de educação mútua, realizando-se a primeira, destas, já na próxima terça feira, 8 do corrente, às 20 horas prefixas.

A comissão resolveu, interpretando a vontade do núcleo, dar o seu apoio ao alvifre aumentando o preço da nossa *Batalha* para cinco centavos, garantindo assim a vida do valente baluarte operário.

Roga-se a comparência do camarada José Castela, para tomar posse do seu cargo de secretário da comissão de propaganda.

Vida cara e difícil

Especuladores apanhados

Os agentes de fiscalização Elio Gouveia e Luís Couto, prenderam ontem os comerciantes João Ambrósio Antonico, por tentar fazer seguir para Extremoz, uma mala com 31 quilos de açúcar de 1.ª qualidade, que declarou tê-lo comprado a 1$80 o quilo, a Victor Ferreira Pinto, com mercearia na rua de Santa Cruz ao Castelo, 12 e que se evadem para Aveiro, e Sebastião Crisóstomo, com leitaria na travessa do Alcaide, 22, por vender leite por prêço superior ao da tabela.

Assambarcadora de carvão

Foi presa Rosa Teresa de Jesus, com carvoaria na rua de S. José, 251, por se recusar a vender carvão ao público, tendo no estabelecimento cerca de 400 quilos, que lhe foram apreendidos pelo guarda 355.

Sobre a anistia

Em nome dos presos por delito comum da cadeia do Limoeiro, recebemos uma carta de Joaquim Ferreira da Conceição, lembrando que aqueles sejam também abrangidos pela anistia que o govêrno pensa em dar aos presos políticos.

Aqui fica o pedido, na esperança que aqueles presos sejam lembrados, pois que muitos, por simples delictos, estão sofrendo penas bem pesadas.

A "vida" no Limoeiro

Numa carta que nos enviou um operário prêso no Limoeiro, encontramos informações deveras edificantes do que é a «vida» naquela cadeia.

Os gatunos legais, que infestam o honrado comércio da nossa praça, encontram-se dignamente representados nos colegas ilegais que estão à sombra, que já fartos de processos corriqueiros, acham muito mais emocionante, duplamente interessante, o exercício do comércio.

Assim as onças de tabaco que cá fora custam $08 e $16 centavos, no Limoeiro custam $50 a 1$00; faz-se dinheiro com tudo, explora-se o prêso a propósito de tudo. Quem quizer ter uma lata para comer, tem de dar dinheiro ao fachina, senão terá que esperar que os outros acabem para então comer; quem não der $30 centavos ao capataz, terá de dormir debaixo dos bailiques, em enxergas cheias de parasitas, sendo destribuida uma manta para cada três presos.

Na sala dos entrados metem-se aos 120 e 140 presos, quando nos dizem que não cabem mais de 50, e com respeito aos cuidados que deviam haver com o rancho, presumem-se quais sejam.

Ora, na verdade, quem mandou ao nosso informador ser pobre, fôsse êle, por exemplo, fornecedor do estado, e só de nome saberia que existia um Limoeiro.

Os assambarcadores

Sob a presidência do dr. sr. Reis Júnior, responderam ontem no govêrno civil, Manuel Vaz, porteiro duma casa da rua Luciano Cordeiro, e Manuel da Silva, com mercearia na rua Luciano Cordeiro, 95, acusados de venderem açúcar por preço superior ao da tabela, sendo ambos absolvidos; Bento Salgado, da rua do Olival, 46, por vender pão impróprio para consumo, sendo absolvido; José Rodrigues, da rua das Flores, por vender açúcar por preço superior ao da tabela, sendo absolvido, e José Anapaz, da rua da Conceição, 35, por possuir arroz impróprio para consumo, sendo condenado com 1.000 escudos de multa.

O que não presta — rua!

Acabam de nos comunicar que Manuel Gomes, trabalhador, que há cêrca de 50 anos dava o melhor do seu esfôrço à Companhia do Gaz, foi anteontem despedido, sem motivo plausível, naturalmente porque era velho.

Este facto é verdadeiramente infame e para êle pedimos a atenção dos trabalhadores.

Toma-se um homem para servir uma casa ou uma companhia, arranca-se tudo quanto êle pode dar de energia, e depois de 50 anos de trabalho incessante, como já não pode produzir como na idade viril, atira-se à rua como um trapo velho, sem consideração pelos lucros que o seu trabalho deu aos patrões.

A Transformação da Sociedade

pela acção do

Sindicalismo Revolucionário

por José dos Santos

Folheto de propaganda onde o autor demonstra o valor do sindicalismo na transformação da Sociedade

Ao preço de $15

A' venda na administração de *A Batalha.*

TEATROS & CINEMAS

Notícias

E' hoje que se inaugura no Politeama a época de verão, com espectáculos da companhia Alves da Cunha. Só por êste facto a récita de hoje assinala uma data que há de ficar memorável nos anos do nosso teatro. Mas outros motivos distinguirão também o espectáculo. Reaparecerá neles a sr.ª Berta Viana da Mota, artista que começa e já tem um nome invejável. Representar-se-há a peça de Linhares Rivas, *Cobardias*, tradução de Marçal Vaz e Oldemiro Cezar. E ainda a completar a récita se exibirá a peça num acto de Baco, tradução de A. Morais e Mário Duarte *Ele... ela... e ele*, que a graciosa e inteligente actriz Izilda Vasconcelos e os distintos actores Otelo de Carvalho e José Monteiro dão relêvo.

Reclames

A *Fédora* repete-se hoje, no Nacional, e que equivale a anunciar uma nova noite de concorrência e entusiasmo. Terça feira com a «reprise» única, das *Marionetes*, é a festa artística de Rafael Marques que tão brilhantemente sse tem salientado na interpretação de vários personagens.

—Está despertando uma grande curiosidade o espectáculo de 4.ª feira, 9, no S. Luís, em récita de Carlos Mendes, secretário da Imprensa Teatral.

O programa da festa é muito variado, incluindo várias atrações que devem conquistar muito agrado.

—O mais alegre e deslumbrante dos espectáculos é o que as exibe no Eden, com a sua graciosa revista *Negócio da China*. Quem ali vai ri, sem descanço, durante toda a noite.

—Todos os números do quadro *O Sonho do Baptista* são tam igualmente festejados, que a dificuldade está em dizer qual o público prefere. No que não divergem as opiniões em afirmar que com tal atracção a revisra *Pam* permanece em grandioso e legitimo exito, no Apolo.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21—«Fedora».
S. LUIZ—A's 21—Recita do actor João Silva.—«Rosas de todo o ano, opera.—«Los Bribones.—Variedades.
TRINDADE—A's 21—«A Paz Armada».
GINASIO—A's 21,30—«Dominó côr de rosa.»
POLITEAMA.—Ele... Ela... e Ele.
EDEN—A's 21,15—«Negócio da China».
APOLO — A's 21,15 — O novo quadro «O Sonho do Baptista», ampliando a revista «Pam!»
ANJOS—A's 21—«A grande bicha».
SALÃO FOZ—A's 21—Variedades.
COLISEU DOS RECREIOS—Companhia lírica.
OLIMPIA—Animatógrafo e concêrto.
CINEMA CONDES—Animatógrafo e concêrto.
CHIADO TERRASSE — Animatógrafo e concêrto.
SALÃO DA TRINDADE — Variedades e animatógrafo.
SALÃO PORTUGAL — A's 20 horas — animatógrafo.
CHANTECLER—Animatógrafo, fitas faladas.
CINE-PARIS (a Campo de Ourique)—A's terças, quintas, sábados e domingos.
SALÃO IDEAL—A's 21,30—Animatógrafo.
SALÃO DA PROMOTORA, (Alcântara). —Animatógrafo às segundas, quintas, sábados e domingos.

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração da Batalha.

Sociedades de Recreio

Grupo Ocidental «Os Modestos».—Nesta sociedade, com sede na Praça das Amoreiras, 4, 1.º inauguram-se hoje os festejos comemorativos do seu 1.º aniversário, com receita às 21 horas, subindo à scena o drama em 3 actos, *A pena de morte* e a comédia em 1 acto *A ordem é ressonar.*

Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo.—Continuação das festas do 48.º aniversário com baile campestre às 21 horas.

Academia Filarmonica Verdi.—Nesta sociedade realiza-se hoje, às 21 horas, no uma récita promovida pela direcção.

Grupo Recreativo «Os Regulares».—Realiza hoje, às 21 horas, no seu vasto recinto, um baile campestre.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Realizou-se ontem o funeral do impressor da Imprensa Nacional, José das Neves Pereira, que teve uma sentida homenagem por parte dos seus camaradas. Falaram à beira da sepultura, em nome da associação de classe, os camaradas Anteu de Oliveira e António Marques.

Apreensões de gado

A guarda fiscal efectuou mais as seguintes apreensões de gado na secção de Elvas, 67 cabeças de gado bovino, no valor de 4.200$00, 321 de lanigero, no de 5.200$00, 76 suinos e 20 carneiros, no de 720$00; em Aldeia-Nova, 23 suinos no valor de 1.500$00, 40 cabeças de gado vacum no de 800$00 e 44 de caprino, no de 200$00; em Penamacor, 5 cabeças de gado bovino, no valor de 700$00 e 6 de azinino, no de 292$00; em Vila-Real de Santo António, 27 suinos e 24 cabras, no valor de 590$00; no sítio de Insuas, concelho de Serpa, 16 cabeças de gado caprino, no valor de 150$00 e em Tavira 71 caprinos, no valor de 440$09.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Entradas em 4

Vapor holandês «Zens», de Amsterdam; vapor americano «Hartford», de Huelva; hiate português «Cabo Espichel», de Ronen; vapor português «Cunene», de Cherbany; vapor americano «Jennie R. Morse», de Bordeus.

Saidas

Vapor alemão «Capri», para Liviam; vapor holandês «Orestes», para Amsterdam; vapor holandês «Tellus», para Amsterdam; vapor inglês «War Begun», para S. Thomás; vapor francês «Fart de Troyon», para Santos; lugres portugueses «Voador», «Vencedor» e «Tricana», para os Bancos da Terra Nova.

CARPINTEIROS

Precisam-se para oficina na rua dos Correeiros, n.º 119 e 121. 7302

Não me ralo!

Vou ali à **CHAPELARIA LUZITANA,** *e por um preço baratissimo, compro um chapeu bom, bonito, bem acabado e duma solidês capaz de resistir a todos os vasos.*

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês do Alegrete, 45-51

Africa ocidental

Vapor «Mossamedes»

Sairá no dia 15 de Junho para os portos do costume tocando em B. Velha.

Africa oriental

Vapor «Africa»

Sairá brevemente para Loanda, portos do Congo com baldeação em Loanda, Lobito, Mossâmedes, Cabo, Lourenço Marques, Beira e Moçambique; e para Inhambane, B. Dias, Chinde, Quelimane, Angoche, Pôrto Amélia, Ibo e Tungue com transbordo.

Para carga e quaisquer esclarecimentos dirigir-se aos escritórios da

Companhia Nacional de Navegação

Em Lisboa, Rua do Comércio, 85.

No Pôrto, Rua da Nova Alfândega, 34.

PAPELARIA

Viuva de Manuel da Costa Marques & C.ª Limitada

Rua do Ouro, 36

Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS PARA ESCRITORIO

Acidentes de trabalho

Seguro obrigatório

O *Diário do Govêrno* de 22 de Novembro de 1919 publica o modêlo da caderneta profissional, que **todos os patrões** são obrigados a fornecer **a todo o seu pessoal,** em conformidade com a nova lei de 10 de Maio de 1919.

A MUNDIAL, a fim de facilitar aos seus segurados o cumprimento da nova lei, fornece gratuitamente as referidas cadernetas.

Pedidos das cadernetas bem como dos exemplares da nova lei à

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

CAPITAL, 500.000$00
RESERVAS: 405:402$76,7

Sede em Lisboa—Rua Garrett, 95
Telefone 4084
Delegação no Porto—Rua Sá da Bandeira, 331, 1.º

A' Rapaziada!!!

As valentes e pêras!

Botas prêtas, para homem, a 16$25 e 16$75.
Botas brancas, **As Valentes,** a 15$75.
Botas Prêtas, **duas solas,** a 16$75.
Sapatos, para senhora, a 11$50, 14$50, 15$00 e 16$00.
Grande variedade de calçado para criança, e de luxo para senhora.

Para a frente é que é!!!
Venham ver os nossos prêços!

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos empregados do «Diário de Notícias».

SAPATARIA S. ROQUE

16, Largo Trindade Coelho, 17
(Antigo Largo S. Roque) 27

OURO!!!

Mais barato e não —se paga feitio— *Só milagre!!!*

OURO

Comprem na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, aneis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feitio.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Galolas

TELEFONE 3676

Companhia de Papel de Gois

Ponte de Sotam-Gois

FABRICA toda a qualidade de papeis de embrulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro, costaneiras, almaços, coquiles, escrita, impressão, assetinados, capas e carta, bem como papeis de fabricação especial

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS

52, Cais do Sodré, Lisboa—Telefone C. 4.317
10, Rua da Nova Alfandega, Porto — Tel. 2.192